

4. Com Jesus no paraíso

Quando visitava a igreja de Chau Son Nord, pensava que tudo fosse já expresso nas duas palavras sobre a porta e depois sobre o altar: *“VOLO TECUM”* e *“ECCE VOBISCUM SUM OMNIBUS DIEBUS”*. Em vez disso, quando passei por detrás do altar, descobri uma terceira inscrição esculpida sobre uma pedra que praticamente se encontra no interior do altar, como se exprimisse o segredo mais profundo que somos chamados a descobrir ao irmos ao mosteiro para estar com Jesus. A frase é: *“ESSE CUM IESU PARADISUS – Estar com Jesus é o Paraíso”*.

Esta palavra exprime a consciência de fé de que a comunhão com Cristo é a realização da vida humana, da vida humana redimida. Esta frase evoca o diálogo de Jesus crucificado com o bom ladrão: “Jesus, recorda-te de mim quando entrares no teu Reino”. Respondeu-lhe: ‘Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso’ (Lc 23,42-43).

Quem encontra Jesus a partir da profundidade do seu desejo de estar com Ele, atraído pela sua presença totalmente oferecida à comunhão conosco, é como um Adão que reencontra o paraíso perdido. Já não somente o paraíso terrestre, mas aquele do Reino de Deus, no qual viver eternamente com o Ressuscitado. O paraíso não é mais um lugar onde estar com Deus: o paraíso é a própria comunhão com Deus em Cristo.

Para alcançar esta plenitude, cada um de nós é chamado a seguir Cristo na sua vocação. E é uma plenitude que, precisamente porque Jesus já está conosco todos os dias até o fim do mundo, nos é dado experimentar já nesta vida, todos os dias, a cada instante da nossa existência. Jesus ao bom ladrão não diz “daqui a três dias estarás comigo no paraíso”, mas sim “*hoje* estarás comigo no paraíso”. Não devemos esperar a morte para entrar no paraíso, porque a comunhão com Jesus nos é oferecida agora, e é ela própria o nosso paraíso. O ladrão crucificado já estava com Jesus. Para ele, o paraíso começava naquele momento.

Quantas pessoas que sofrem com fé, unidas a Jesus, por exemplo na doença, dão testemunho de uma plenitude de alegria incrível! Fazem a experiência do bom ladrão, o primeiro a alegrar-se com a salvação em Cristo, vivendo os últimos momentos da sua vida com uma alegria maior do que a dor. Talvez somente o coração de Maria Santíssima tenha podido perceber com ele esta alegria na dor, porque ela experimentou desde a sua concepção imaculada a graça concedida ao bom ladrão no momento da morte, a graça de viver a vida humana em plena comunhão com Deus. Maria sofre atrozmente, mas a razão deste sofrimento, o amor que a une ao Filho, é também a razão da sua imensa alegria.

Quando vivemos em comunhão com Cristo, a nossa própria vida torna-se um paraíso, e nos é dado transformar em paraíso todo lugar e ambiente em que levamos esta comunhão com Ele.

Este é também o sinal que cada comunidade cristã é chamada a encarnar no mundo: ser, isto é, um lugar humano que se torna paraíso porque se vem a ele para estar com Jesus. Tudo na vida monástica nos é dado e oferecido para viver com Cristo na oração, no trabalho, no silêncio, em todas as situações e idades da vida humana.

O mosteiro é o espaço no qual somos chamados a verificar que a comunhão com Cristo transforma em paraíso toda circunstância e condição da vida, não porque nos tornemos anjos ou porque desapareçam as fadigas e as dificuldades, mas porque nos ajudamos e educamos a viver sempre e tudo com Jesus.

Mas o que é o paraíso para nós? A frase “Estar com Jesus é o paraíso” ajuda-nos a compreender que, mais do que um lugar, o paraíso é uma relação. Todo ser humano porta no coração o desejo de ser amado e de amar, o desejo de viver relações de amizade. O recém-nascido começa a ter consciência de si encontrando a sua alegria e satisfação na relação com a mãe. Crescendo, a necessidade de realizar-se na amizade alarga-se a outras pessoas, tornando-se também mais dramática, porque cada um de nós sente a dificuldade de permanecer em comunhão com os outros que o pecado original introduziu na experiência humana.

Deixando o paraíso terrestre, Adão e Eva descobrem a fadiga da relação com Deus e também entre eles, uma fadiga que, já com os seus primeiros filhos, Caim e Abel, se torna trágica, até ao ponto de matar o irmão. O homem, criado para a relação de amor com Deus e com os irmãos, chega a negar a própria natureza matando o próprio irmão e, portanto, eliminando a possibilidade de estar com ele. Caim, matando o irmão, mata a si mesmo, o sentido e a beleza da sua vida. Mas Deus, embora condenando o seu delito, põe-lhe um sinal sobre a fronte, certamente uma cruz, para que quem o encontre não o mate, isto é, não entre na mesma lógica desumana de viver as relações como se elas não fossem um bem a guardar e cultivar (cf. Gn 4, 15). No paraíso terrestre, Adão e Eva cultivavam as plantas e as flores para saborear os seus frutos. Agora, é como se Deus tornasse a humanidade atenta a considerar as relações humanas como o verdadeiro jardim a ser cultivado para viver com alegria e dar fruto.

Jesus dirá explicitamente isto nos discursos da Última Ceia. No capítulo 15 de São João fala de si como da verdadeira videira, na qual o Pai trabalha, e os ramos desta videira somos nós, os discípulos de Cristo. A planta da videira, normalmente, não está isolada. Talvez devamos pensar que Jesus fala de si como de um vinhedo, portanto de um jardim no qual o Pai cultiva a vinha. Em todo caso, Jesus diz aos discípulos que o fruto da sua vinha não é tanto a uva ou o vinho, mas o amor fraterno. Com efeito, retoma o verbo “permanecer”, que antes aplicava à conexão dos ramos com a videira, aplicando-o à obediência ao seu amor, amando-nos uns aos outros como Ele nos ama.

“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos constituí para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça; para que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros” (Jo 15, 16-17).

Eis que é este o jardim, a horta, a vinha; é este o “paraíso” que, para nós, coincide com a comunhão com Cristo. Estar com Jesus não é apenas o paraíso da plenitude definitiva da comunhão com Ele, mas também o jardim no qual somos chamados a cultivar o amor fraterno.